

ASPECTOS DA CERÂMICA COLONIAL DO SÉCULO XVII, EM SALVADOR, BAHIA.

Carlos Etchevarne

Resumo

Os sítios arqueológicos coloniais do Nordeste brasileiro, especialmente os urbanos, constituem uma fonte inestimável de informação acerca dos tipos de produção ceramista introduzidos no Brasil, via o colonizador português. Em Salvador, de maneira específica, alguns sítios apresentam uma variedade de objetos que são elementos indicadores do movimento de circulação de mercadorias, de forma que permitem incluir a cidade do século XVII, na rota internacional do comércio da produção ceramista.

Abstract

The colonial archaeological sites in Brazil's North-East, especially the urban ones, constitute a highly valuable information source about the ceramic production that was introduced into Brazil by the Portuguese colonizer. In Salvador, specifically, some sites present such a variety of objects, which are indicators of the market flow movements that they allow for including the city during the 17th century within the international trade route of ceramic production.

No estudo da cerâmica portuguesa do século XVII o nordeste brasileiro representa uma área de excepcional importância, posto que ali se encontram as cidades que floresceram nesse século, testemunhando a consolidação do projeto colonial português. Os centros históricos de Salvador, Ilhéus, Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, na Bahia, e os de Olinda e Recife em Pernambuco, por exemplo, constituem fontes documentais arqueológicas de grande potencialidade sobre esse crucial momento histórico.

O mesmo pode se dizer dos núcleos rurais de produção açucareira em ambos estados, ricos e pujantes no século XVII. De fato, os engenhos de açúcar, além da sua função produtiva, foram lugares onde os grupos sociais elitizados, as famílias dos proprietários, podiam demonstrar seu prestígio e poder econômico, apegando-se aos modismos da metrópole e, obviamente, adaptando-os. Por enquanto, as atividades arqueológicas são poucas quando não inexistentes, nos engenhos do recôncavo baiano e faixa do litoral de Olinda e Recife. Mas, na medida em que eles sejam incorporados a projetos de investigação, ficarão a disposição novos acervos cerâmicos que complementarão as informações sócio-históricas que envolveram a produção e comercialização das cerâmicas.

Neste sentido, o estudo da cerâmica do século XVII apresenta-se deveras promissor se se atenta para os vínculos econômicos entre metrópole e colônia. Este vínculo permite inserir o Brasil no âmbito da circulação de mercadorias entre os países do Mediterrâneo e Extremo Oriente, no início de um sistema econômico que já apresenta os traços do fenômeno da globalização.

Informações históricas sobre o contexto da produção cerâmica em Portugal, no Século XVII.

A produção ceramista do século XVII, em Portugal, insere-se em um contexto sócio econômico, que se vincula estreitamente a Espanha e a outros países vizinhos, vinculação esta que tem repercussões substanciais nos territórios coloniais, incluindo o Brasil. De fato, Portugal inicia o século XVII unido ao reino espanhol, sob uma mesma coroa da dinastia dos Habsburgo. Ao longo de 60 anos, (de 1580 a 1640), sob o reinado dos três Felipes (II, III e IV) da Espanha,

este país vê atrelada sua política externa à do vizinho e aliado, sofrendo como consequência os embates de países tradicionalmente inimigos do reino espanhol. Os ataques de corsários holandeses, principalmente, mas também de ingleses, aos comboios que comerciavam com o Brasil têm sua justificativa principal nesta associação dos reinos peninsulares (SERRÃO, 2004; MAURO, 1988). Com este panorama, sem dúvida alguma, o comércio de uma crescente produção ceramista, que já buscava o mercado de suas colônias, teria sofrido perdas ou visto restringido o ingresso de produtos¹.

Por outro lado, internamente, sem as barreiras alfandegárias de fronteiras tradicionais, o tráfico comercial no território luso-hispânico aumenta da mesma forma em que cresce consideravelmente a mudança de artífices espanhóis para Portugal e, com eles, a transferência de tecnologia. No caso da cerâmica as influências de centros oleiros do reino vizinho são notáveis. De fato, sob esse ponto de vista, os contatos com o Levante espanhol, especialmente com Málaga, Valência e também com Talavera de La Reina, três das grandes e prestigiosas áreas de elaboração cerâmica, redundam em uma marcada influência nas zonas oleiras, como as de Lisboa e região circunvizinha (TORRES, 1985; SANDÃO, 1988; CALADO, 1997, SERRÃO, 2004; CARMONA e SANTOS C., 2005).

Não obstante isto, alguns elementos tecnológicos de caráter nacional são desenvolvidos com independência dos modelos espanhóis, produzindo uma cerâmica de alta qualidade, especialmente a chamada “cerâmica vermelha”. Sua fama e prestígio transcenderam as fronteiras portuguesas. Felipe I de Portugal, (Felipe II de Espanha) foi o primeiro monarca a reconhecer e exaltar, durante sua permanência em Lisboa, a qualidade da cerâmica portuguesa, especialmente a da região de Extremoz, no Alentejo (ALVAREZ, 1998; PAIS e MONTEIRO, 2003). Provavelmente, é neste período - final do século XVII - que poderia ter entrado como produto comercial, os primeiros lotes de cerâmicas vidradas, cerâmica vermelha e faiança na cidade capital da colônia, Salvador de Bahia.

No caso da faiança, que em Portugal teve crescimento vertiginoso no século XVII, os dados indicam que começou a ser produzida nesse país, já em finais do século anterior. As peças de faiança destinadas inicialmente aos grupos sociais de alto poder aquisitivo, receberam influência na sua fabricação, na morfologia e decoração da Espanha e da Itália, de onde deriva seu nome².

Efetivamente, deve-se considerar a vinculação da produção portuguesa de faiança, pelo menos a do centro-sul do país, com a cerâmica que circulava nas já mencionadas cidades mediterrânicas de Valência, Málaga, e Talavera de La Reina na Espanha, Pisa, na Emilia, Pisa na Toscana, e Gênova, Savona e Albisola, na Liguria (MONTEIRO, 1994; CALADO, s/d).

Outra influência marcante na faiança provém diretamente do extremo oriente através da porcelana chinesa. Logo após a introdução e difusão da porcelana, cujo comércio esteve primeiramente em mãos de Portugal, os elementos decorativos da faiança foram elaborados tomando-se como modelos àqueles representados na produção chinesa, utilizando-se ainda a mesma gramática compositiva. No decorrer do século XVII, esses motivos imitando aos da porcelana chinesa vão sendo adaptados e reinterpretados de uma maneira livre que poderíamos chamar de aporuguesamento decorativo (CALADO, 2003; MATOS, 1994, MONTEIRO, 1994).

Nesse mesmo século, todos os três grandes centros ceramistas, Lisboa, Vila Nova de Gaia no norte e Coimbra, no centro, produzem faianças, destinadas ao serviço de mesa, à decoração residencial, aos espaços rituais católicos e à preparação de produtos farmacêuticos. Provavelmente, a massificação da produção, embora tenha ainda caráter artesanal, provocou uma popularização da faiança e, em consequência, uma redução dos preços, a ponto de ficar ao alcance de grupos sociais menos favorecidos. Contudo, isto somente teria ocorrido já no avançado do século XVII e, ainda no século XVIII (CALADO, 1997; 2003).

Depois da ruptura com Espanha e a restauração da coroa a uma dinastia portuguesa, os Bragança, abrem-se novas perspectivas de comércio atlântico, um pouco mais seguro, através da criação da Companhia Geral de Comércio do Brasil, em 1649. Esta companhia comercial, a primeira dessa espécie, tinha por objetivo fundamental a de transportar o açúcar e, em menor proporção o tabaco e a madeira de pau-brasil, para Portugal. Em sentido oposto, eram comercializados azeite, vinho, sal e alguns produtos manufaturados (FREITAS, 1951; COSTA, L. 2002). Neste universo de trocas econômicas, certamente as cerâmicas poderiam ter tido o seu lugar, sem o peso econômico dos demais produtos mencionados.

As informações documentais sobre o comércio da cerâmica desse período são fragmentárias, quando não inexistentes, posto que os documentos alfandegários de pelo menos três dos maiores

centros produtores, Lisboa, Vila Nova de Gaia e Coimbra, ao que tudo indica, foram perdidos. No primeiro caso, pelo terremoto, seguido de incêndio em 1º de novembro de 1755, que destruiu entre outros edifícios, a Alfândega de Lisboa. Nos outros dois casos, provavelmente, por questões políticas, já que Buarco, porto por onde escoava a produção aveirense e coimbrense, encontrava-se sob o domínio da poderosa família ducal. Com a eliminação desta família na segunda metade do século XVIII, pelo Marquês de Pombal, poderia ter desaparecido boa parte da documentação a ela vinculada.

Contrariamente, alguns arquivos alfandegários e notariais da cidade do Porto têm proporcionado dados importantes, porque demonstram que o envio de material cerâmico para Bahia ou para outras partes do Brasil já era registrado pelo menos desde 1647. Deste ano é a primeira menção à exportação de cerâmica, “dois caixões”, conforme o levantamento efetuado pelo pesquisador padre Manuel Leão a partir de documentos do arquivo do Cabido do Porto, por conta do pagamento da taxa (a redízima) a essa instituição. Mas é a partir de 1673 que os envios parecem ter aumentado substancialmente em quantidade (500 dúzias nesse ano), embora esse número nem sempre tenha se mantido constante (LEÃO, 1999).

Deve-se levar em consideração, ainda, que muitos envios podem ter saído dos portos portugueses sem ter deixado provas documentais, parte como lastro dos barcos ou então, sem pagamento de taxas. A este respeito cabe lembrar a legislação da época, que isentava de pagamento de taxas de importação aos padres da ordem dos Jesuítas, de qualquer produto que eles quisessem adquirir ou receber em doação, isenção esta que deveria alcançar, sem dúvida, aos objetos cerâmicos para seus colégios, igrejas, seminários, missões, quintas e fazendas (Cf. Alvará de 1678, recopilado em 1759, Arquivo Geral da Alfândega de Lisboa – cota 54 /2 fls. 41).

Por outro lado, uma parte importante de cerâmica, introduzida no Brasil sem documentação, formava parte da equipagem das pessoas que chegavam para se radicar ou passar um período de tempo longo na colônia. Este é o caso, do General da Armada Francisco Correa da Silva que vinha à Bahia para assumir suas funções, falecendo no naufrágio do galeão em que viajava, o Sacramento, em 1668. Um conjunto de objetos de faianças formava parte da sua bagagem pessoal, propriedade reconhecível através do brasão familiar (MELLO, 1976; 1978).

Informações arqueológicas e sobre a cerâmica do século XVII, em Portugal

As escavações em setores de diversas cidades portuguesas, normalmente derivadas de imposições legais que exigem trabalhos arqueológicos antes de realizar uma obra que altere o subsolo urbano ou de restauração de prédios, vêm proporcionando um número elevado de vestígios cerâmicos, entre os que abundam os do século XVII. Se se considera Lisboa, por exemplo, pelo fato de ter havido um cataclismo que destruiu quase toda a cidade, cria uma situação particular em termos arqueológicos, que se reconhece pela vedação dos sítios, a partir dos escombros dos prédios destruídos.

Os vestígios do século XVII começaram a ser motivo de atenção, na medida em que estes apareciam no conjunto de estratos pré-terremoto, que deviam ser interpretados, como parte integrante das camadas ou estruturas arqueológicas.

Em outras cidades, como no Porto e Coimbra, escavações em âmbito urbano revelaram números elevados de fragmentos de material cerâmico, relativo ao seiscentos que em Portugal é denominado de Período Moderno. Algumas escavações tornaram-se paradigmáticas, como as da Casa do Infante, no Porto, e a do Convento de Santa Clara a Velha, em Coimbra. Cerâmica vermelha simples ou fina, cerâmica vidrada e faiança formam parte dos materiais coletados, nessas escavações, que hoje compõem coleções de referência, para fins comparativos, com as de outros sítios em território português e de outras partes do mundo de influência lusitana.

Dentre os três tipos de materiais mencionados acima, o mais estudado é, sem dúvida, a faiança portuguesa, que já foi motivo de análise pelos historiadores da arte desde o início do século XX. Efetivamente, as faianças foram estudadas de forma sistemática, por José de Queiroz, que estabelece pela primeira vez, uma classificação de motivos e uma cronologia estilística, com base nas coleções museológicas (QUEIROZ, 2002). Posteriormente, na metade do século XX, Reynaldo dos Santos retoma o trabalho de análise deste tipo de material atualizando os dados com novas coleções, dedicando-se ao período XVI e XVII (SANTOS R, 1960). Artur de Sandão, anos mais tarde completa a obra do Reynaldo dos Santos, ocupando-se preferencialmente dos séculos XVIII e XIX, dedicando uma boa parte do seu trabalho ao

século XVII (SANDÃO, 1988). Rafael Salinas Calado é, dentre os pesquisadores contemporâneos da história da arte, quem mais se sobressai na faiança portuguesa, elaborando uma síntese do panorama geral, incorporando à sua obra as recentes informações de caráter histórico obtidas em Portugal e em outros países, como Holanda e Estados Unidos (CALADO, s'd).

Recentemente, alguns historiadores da arte têm se debruçado sobre as faianças portuguesas, com o objetivo de determinar os traços decorativos mais característicos que a definem, sobretudo estabelecendo as correspondências estilísticas com a porcelana chinesa. Maria Antonio Pinto de Matos e João Pedro Monteiro, entre outros, têm dedicado parte de sua pesquisa a rever as tipologias existentes para apontar os elementos que une a faiança com a porcelana (sobretudo a do período Wanli, da dinastia Ming, no auge da importação por parte de Portugal), e determinar a evolução deles na decoração dos produtos portugueses. Estes pesquisadores são categóricos ao afirmar que as faianças do século XVII são devedoras da porcelana chinesa, pelo menos no que tange aos motivos decorativos, em toda a primeira metade desse século.

Os outros materiais cerâmicos, como as denominadas cerâmicas vermelhas e as vidradas, foram estudados, até pouco tempo atrás, do ponto de vista etnográfico. Um dos primeiros trabalhos sobre este tipo de produção é o consagrado trabalho de Carolina Michaelis de Vasconcelos “Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal”, de 1921. Neste ensaio, a autora utiliza, muito felizmente, uma série de informações históricas e etnográficas, disponíveis naquela época, que lhe permitem estabelecer direções de pesquisa, que ainda hoje são válidas, pelo menos com relação aos púcaros.

Atualmente, Isabel Fernandes, tem dado à pesquisa etnográfica uma nova força, estudando as olarias do norte de Portugal, de caráter tradicional, entre elas a cerâmica preta de Prado, assim como as de Matosinho e Barcelos. Nos últimos anos esta pesquisadora vem assinalando, com seus estudos, a importância das fábricas de faianças populares, do século XIX, como as de Ratinho, na definição de uma tradição ceramista que se independentiza de modelos acadêmicos e se expressa com representações compreensíveis e acessíveis às classes com poucos recursos.

Quanto ao que se referem os estudos arqueológicos sobre cerâmica do século XVII, atualmente, Portugal tem oferecido um conjunto de dados fundamentais posto que eles provêm de contextos datados. Como fora dito acima, o trabalho de arqueologia urbana tem sido essencial para que isto seja possível. Devem ser considerados os trabalhos da Casa do Infante, do Porto (REAL et alii, 1995; CASTRO. et alii, 1997; DÓRDIO et alii, s/d), do convento de São Francisco de Lisboa (RAMALHO M. e FOLGADO, D., 1997), convento de Santa Clara de Moura (REGO, e MACIAS, 1995), convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais (CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. 1997), Casa do Brasil de Santarém (FOLGADO, D. e RAMALHO, M.: 2000), Convento do Cristo de Tomar (MANUELA FERREIRA, 1994). Alguns contextos não urbanos também proporcionaram materiais cerâmicos seiscentistas, como o convento de São Francisco de Alferrara, em Palmela (FERNANDES et alii, 2003), e o de Castelo de Moura (MACIAS e SANTIAGO, 1994), entre muitos outros.

Cerâmica portuguesa fora de Portugal. Os estudos na Holanda, nos Estados Unidos e no Brasil.

Datam do início da década de 1980 as primeiras informações sobre faianças portuguesas na cidade de Amsterdã, Holanda. Nas escavações efetuadas nos quarteirões ocupados pela comunidade judaica escapada de Portugal, no final do século XVI e início do século XVII, foi encontrado um número alto de fragmentos destes materiais, muitos dos quais eram possíveis de serem remontados para recompor a forma original dos objetos.

À frente destes trabalhos estava o arqueólogo Jan Baart que empreende uma pesquisa de grande fôlego, analisando a totalidade das peças coletadas naquele sítio. A conclusão desta pesquisa surpreende aos pesquisadores ceramólogos, posto que Baart consegue provar a origem portuguesa da faiança que ali se encontrou. Posteriormente outros sítios foram registrados na Holanda e Bélgica, como Purmerend e Harlen. Esta identificação muda a perspectiva de análise de outros objetos holandeses e alemães, de faiança, que se encontravam em coleções de museus, julgados como produtos de olarias locais. A partir desse momento Jan Baart encaminha-se para reconstruir os processos de importação desta mercadoria no mundo vinculado ao norte da Europa.

Segue os seus passos o arqueólogo Michiel Bartels, também holandês, que se dedica a mapear as ocorrências dos materiais de faiança ou de outros tipos associados a ela, como as cerâmicas pedradas e as “terras sigilatas”. Como resultado obtém um quadro de cidades com materiais portugueses que, até o ano de 2003, inclui, as cidades de Antuérpia, Culemborg, Deventer, Dordrecht, Enkhuizen, Graft, De Rijp, Hoorn, Lisse, Mechelem Vlissingen e Zaandam, além da já apontada Amsterdã (BARTELS, 2003)

Este quadro de distribuição de vestígios cerâmicos portugueses em terras dos Países Baixos, como eram chamados esses territórios na época, prova o alcance da produção portuguesa ceramista, em termos de países com os quais comercializava e, dedutivamente, a proporção em termos de quantidade, dessa produção. Este comércio internacional virá ser profundamente afetado quando, no final da década de 1660, se abrem as famosas olarias de faianças de Delft, que irrompem no mercado holandês e internacional com grande força (BAART, 1988; 1992; BARTELS, 2003).

Por sua vez, o americano Steven R. Pendery, na década de 1990, aborda também a questão da presença de faianças portuguesas nos Estados Unidos. Através de um levantamento de antigas pesquisas naquele país, nas quais se mencionam achados de faianças nas coletas de escavações, somando os dados mais recentes, Pendery elabora um quadro de ocorrências sobre a costa atlântica, área das primeiras instalações de colonização inglesa, no século XVII. No atual estado do Maine, as cidades com vestígios de faianças são: Fort Pentagoet, Pemaquid, Arrowsic e South Berwink. Em Massachusetts, as cidades de Salem, Charlestown, Cambridge, Saugus, Boston e Plymouth. Em Connecticut existe a possibilidade de haver vestígios em Warren e West Greenwich (PENDERY, 1999).

Pendery realiza ainda, uma nova cronologia de aparição dos tipos decorativos de faianças portuguesas. Para este objetivo, reúne todas as informações existentes sobre este material e atualiza a escala de períodos de fabricação. Agrupa os tipos decorativos em onze classes e estabelece períodos de 25 anos, dividindo assim o século XVII em quatro grandes períodos. Em linhas gerais, pode se dizer que este esquema incrementa aqueles já estabelecidos pelos historiadores da arte e corrige algumas defasagens, em função dos dados mais exatos de que dispõe (PENDERY, 1999).

No Brasil, do ponto de vista arqueológico, o primeiro trabalho em que aparecem cerâmicas portuguesas corresponde à intervenção de arqueologia subaquática, no Galeão Sacramento. Aqui, foi retirado um bom número de peças inteiras ou fragmentadas que compunham a bagagem dos passageiros mais importantes do galeão, desaparecidos no naufrágio na costa próxima ao Rio Vermelho, em 1668 (MELLO, 1976; 1978).

Na década de 1980, a cerâmica colonial é abordada pelo historiador de arte E. F. Brancante, de São Paulo, que reúne um conjunto de copiosos dados, no volume sobre a produção ceramista do período colonial brasileiro, que chamou “O Brasil e a Cerâmica Antiga”. Esta obra ainda hoje é considerada de referência para quem se dedica a pesquisar este tema.

Deve-se ao arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, que analisou o material retirado das escavações da missão carmelita de Vila Flor (Rio Grande do Norte), o primeiro trabalho classificatório sobre as faianças, apresentando um quadro inicial das ocorrências de material nesse sítio, com o intuito de ser aplicado a outras realidades arqueológicas brasileiras. Por outro lado, este pesquisador estabeleceu dois grupos de faianças que remeteriam a uma produção destinada ao consumo interno (mais simples e menos cuidada) e outra à exportação (mais elaborada). Esta hipótese de trabalho, ao que consta, não foi ainda retomada (ALBUQUERQUE, 1991).

Com as escavações de sítios coloniais brasileiros, outros pesquisadores começaram a apresentar resultados parciais sobre sítios escavados. O arqueólogo Marcos Albuquerque, de Pernambuco, estuda o material cerâmico encontrado em fortificações portuguesas e holandesas de Recife e de outras cidades nordestinas. Carlos Etchevarne, na Bahia, analisa o material encontrado em Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia onde utiliza a cerâmica como indicador diacrítico da ocupação dos diferentes setores do núcleo urbano e do processo de interiorização territorial. Também na cidade de Salvador, especificamente no local da atual Praça da Sé, Etchevarne usa o universo de fragmentos cerâmicos para explicar o processo de superposição de estruturas, especialmente no Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas e, ainda, para constatar comportamentos sociais, quando estuda hábitos de reciclagem de cerâmica descartada por parte de grupos sociais de baixo nível econômico (ETCHEVARNE, 2003).

Exame das coleções cerâmicas provenientes dos sítios arqueológicos da área da antiga Igreja da Sé de Salvador e do Pátio dos estudos gerais do Colégio dos Jesuítas.

As peças em exame conformam duas unidades de análise, em função de se tratar de duas áreas diferentes, seja do ponto de vista arqueológico, seja do ponto de vista da localização. Efetivamente, os materiais provenientes da área da antiga igreja da Sé, são resultados do descarte da população da cidade de Salvador, que habitava nas imediações. Pela proximidade com o centro de poder político e religioso, pode-se deduzir que os materiais ali jogados correspondem a restos de utensílios das residências de famílias de alto poder aquisitivo de Salvador.

Por outro lado, a área de descarte corresponde a um declive do terreno que antecedia à falésia que separa a Cidade Alta da Cidade Baixa. Próximo a este declive encontrava-se a entrada principal da igreja da Sé, constituindo o espaço entre a fachada do templo e a falésia, no adro. Esta área foi remanejada em diferentes momentos históricos, se considerarmos a iconografia dos séculos XVII ao XIX. As imagens desta parte da cidade mostram que desde o século XVII, pelo menos, há modificações no terreno, em que se buscou a estabilidade necessária para a escarpa e, obviamente, para a igreja próxima a ela (ETCHEVARNE, 2004).

Ademais, através das atas da Câmara de Salvador, observa-se um hábito que parece ter sido bastante difundido na Bahia, nos primeiros séculos de colonização. Em diferentes oportunidades no decorrer do século XVII, a Câmara edita e reedita proibições para que não seja jogado lixo, em diferentes largos, ou espaços públicos, entre eles o da Sé, ou seja, seu adro. Que este hábito não foi totalmente coibido o demonstram as diferentes camadas, ou estratos, de restos de alimentação (fragmentos de osso, espinhas de peixe, dentes, presas, escamas, etc.) assim como entulho de demolições e fragmentos de utensílios de cozinha (recipientes para conter líquidos, para processar alimentos e para serviço de mesa, fundamentalmente).

Os diferentes estratos de material de descarte que compunham o adro mostram que esses restos eram jogados e dispersos pelos próprios moradores ou então pelas chuvas, freqüentes no período de inverno. Ademais, o fato de se encontrarem próximo à ribanceira pode ter provocado que muitos fragmentos rolassem e se desvinculassem de outros do mesmo momento de deposição.

Como resultado, observa-se que somente em poucos setores há a possibilidade de remontar os fragmentos para compor um objeto. A maior parte das peças não tem condição de remontagem, o que faz que todas elas se apresentem como uma grande amostragem de objetos utilizados naquela época.

Uma situação diferente é constatada no caso do sítio Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas. O próprio Colégio dos Jesuítas era uma instituição poderosíssima em tempos coloniais e sua sede em Salvador era um verdadeiro centro de operações que contribuía decididamente ao desenvolvimento do projeto colonial. As proporções dos edifícios do conjunto iniciano, com relação a outros da cidade, são eloqüentes quanto ao poder político e econômico que a ordem detinha.

Com relação aos restos cerâmicos eles apresentam situação diferenciada das do adro da Sé. Aqui, os padres da Companhia de Jesus preparavam certos espaços abertos para o depósito de lixo. Nestas áreas construíam-se poços cilíndricos que eram preenchidos e depois cobertos. Deste tipo de depósito foram encontrados dois, um deles anterior à edificação do Pátio. Podia, ainda, ser aberta uma depressão grande e com os restos ir preenchendo-a, situação que foi registrada em pelo menos uma vez. Por último, a terceira forma de depósito consiste em pequenos acúmulos de materiais, acompanhando os alicerces ou formando parte deles, talvez como forma de dar sustentação ao terreno em que o alicerce se encontrava (ETCHEVARNE e COSTA 2001; COSTA, C. 2005).

Em todos os três casos mencionados sobre o Pátio dos Estudos Gerais se observa que o lixo foi descartado em áreas onde não era possível a movimentação pós-deposicional. Isto redundou em que as partes dos objetos descartados se encontrassem no mesmo local, razão pela qual a possibilidade de remontagem dos objetos é muito maior no Pátio que na área da antiga igreja da Sé.

Os grupos de recipientes, encontrados na área da Sé e do Pátio dos Estudos Gerais, são variados e formam uma boa amostragem dos tipos de objetos utilizados nas residências e instituições importantes na cidade de Salvador de Bahia, capital da colônia. Quanto concerne à cerâmica vermelha nota-se que ela está representada fundamentalmente por objetos utilitários, empregados

na preparação de alimentos no fogo e na conservação de líquidos. No primeiro caso, os recipientes são panelas de diversos tamanhos, de formas globulares, com bordas abertas ou ligeiramente introvertidas. Muitas delas com marcas inconfundíveis da sua própria funcionalidade, como as manchas de fuligem na superfície externa da base e outras com crostas de gordura queimada no interior do recipiente.



FIGURA 1 - Panela ou caçarola vidrada internamente com restos de fuligem e gordura queimada (séculos XVI e XVII).



FIGURA 2 - Prato grande, sem vitrificação, com vestígios de fuligem nas faces interna e externa (séculos XVI e XVII).

De potes e de talhas, recipientes reconhecíveis pelo diâmetro da boca e da inclinação das paredes, foram achados um grande número de fragmentos, o que se explica pela popularidade deste tipo de recipiente, presente em todas as residências baianas coloniais, sejam ricas ou pobres. Neles, eram conservados líquidos e especialmente água, mas também eram colocados alimentos em conserva com sal, óleo ou gordura, a exemplo das azeitonas, peixes e carnes.

As botijas, do chamado tipo andaluz, têm uma representatividade importante dentro dos contentores. Elas eram destinadas basicamente ao transporte de azeite, razão pela qual tinham o interior vitrificado. Podiam, também, serem utilizadas para o transporte de azeitonas, conforme prova o conteúdo das botijas de tipo semelhante, encontradas na escavação do antigo Paço da Alfândega do Recife, em 2003³.



FIGURA 3 - Recipiente tipo botija ou peroleira, encontrado inteiro na área da Praça da Sé. Na parte superior do bojo apresenta duas iniciais AM, entrelaçadas, possivelmente correspondentes ao proprietário.

Os púcaros, famosos pelo menos desde o século XVI em Portugal, têm uma área de ocorrência bastante circunscrita. Todos eles foram encontrados no setor do adro, próximo à Santa Casa de Misericórdia, conjuntamente com um conjunto de fragmentos de objetos do século XVII, como são as taças de cerâmica vermelha de paredes finas, modeladas com decoração barroca. Incluem-se nesta categoria os objetos pedrados, isto é, aqueles que têm decoração incisa enriquecida com elementos formados por fragmentos pequenos de quartzo branco⁴. Os fragmentos de rostos modelados ou moldados encontrados são também característicos dos recipientes finos deste período.

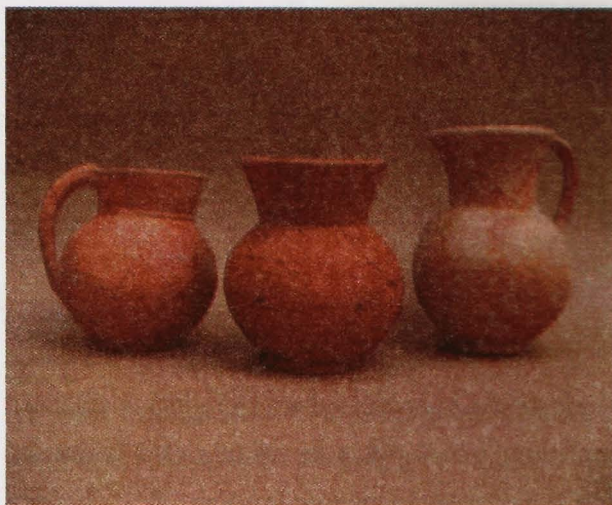


FIGURA 4 - Exemplares de púcaros de paredes finas encontrados na área no setor próximo à Santa Casa da Misericórdia. A preferência por este tipo de objetos para beber água e outros líquidos, por parte das classes mais abastadas, pode ser confirmada no quadro de Diego Velázquez, “As meninas”, em que é oferecido a uma das filhas do rei Felipe IV, um púcaro pequeno, com engobo vermelho.

FIGURA 5 - Fragmentos de pequenos elementos decorativos, tipo mascarões, que formavam parte de recipientes de paredes finas (Século XVII)



FIGURA 6 - Objetos de cerâmica vermelha de paredes finas, com incrustações de quartzo branco, incisões e elementos modelados. A primeira peça é um prato de fruteira e o segundo é um fragmento de recipiente não identificado.



Outra forma bastante freqüente corresponde às gamelas destinadas à preparação de alimentos, especialmente das carnes que deviam ficar em maceração ou da lavagem de processamento de aves e peixes. Também podiam ser utilizadas para a preparação das massas que precisavam fermento, como as do pão. Bacias menores, com igual formato, também eram usadas para servir alguns alimentos.

Dentre as cerâmicas vidradas sobressaem as gamelas, com as mesmas formas e função que as não vidradas. Seguem em representatividade as panelas, destinadas à preparação de carnes de todo tipo, legumes cozidos, sopas e molhos marinados. As panelas tinham vidrado unicamente o interior e, conforme a coloração pode-se afirmar que a película vidrada está composta preponderantemente por óxido de chumbo ou, em proporção menor, de cobre.

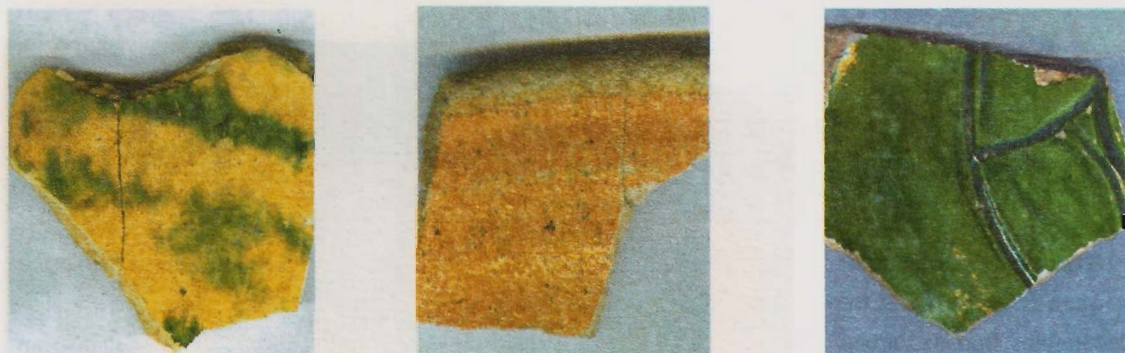


FIGURA 7 - Fragmentos de recipientes com interior vidrado. Os dois primeiros plumbíferos e o terceiro cuprífero.

Por último encontram-se as faianças. Os objetos deste tipo de material são bem menos numerosos e correspondem, aproximadamente, a não mais de 10 % do conjunto das coleções cerâmicas dos dois sítios. Malgrado esta baixa representatividade, a presença de peças deste material é altamente significativo, posto que estas correspondem, pelo menos em um primeiro momento, a um gênero de descarte de grupos sociais com alto poder aquisitivo, associados ao *staff* administrativo da coroa, às ordens religiosas, aos membros do clero e às elites de produtores e comerciantes de açúcar e tabaco. Em Portugal, a faiança pode ter-se popularizado com o decorrer do tempo e alcançado classes sociais menos favorecidas, fato que deve ter demorado em acontecer na capital da colônia brasileira, haja vista a dificuldade de aquisição.



FIGURA 8 - Fragmentos de pratos da primeira metade do século XVII. O segundo exemplar tem aba com motivos de influência oriental, ao igual que o fundo, com paisagem à maneira chinesa.



FIGURA 9 - Bases de duas pequenas tigelas de faiança de origem ligure, com marca de oficina, do final do século XVII, fato assaz raro, na produção desse período.

Convém apontar que, no universo das faianças, há uma variedade que representa, praticamente, todos os tipos decorativos ocorrentes no século XVII até início do XVIII. Isto é, desde as brancas sem decoração, com ônfalos na base, chamadas malagueiras, até as decoradas com faixa barroca com pintura azul e vinoso ou outras com os esponjados azuis.

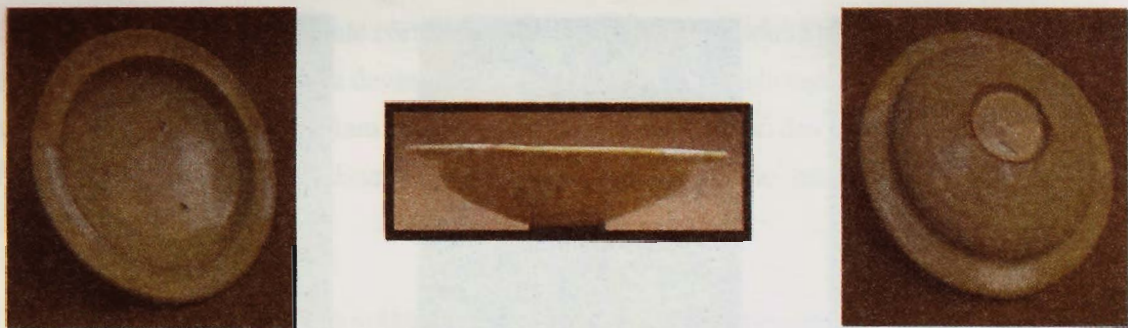


FIGURA 10 - Exemplar de faiança tipo malagueira, característico do final do século XVI e início do XVII, com ônfalo. No interior do prato aparecem as típicas marcas deixadas pelo tripé de separação entre as peças, durante a queima.

Os motivos mais populares são, sem dúvida alguma, os semicírculos concêntricos, azuis claros, que são representados em pratos, travessas e escudelas. Os motivos de rendas, especialmente nas bordas de pratos são também muito populares, assim como os de contas. As bordas de inspiração chinesa, com boninas e pêssegos, a par dos aranhões, em azul e vinoso, são muito frequentes, o que indica que são objetos do terceiro quartel do século XVII, em que há uma apropriação dos motivos da porcelana da China por parte dos artesãos portugueses e não mais uma imitação dos elementos formais.



FIGURA 11 - Prato e tigela decorados com semicírculos concêntricos, motivos muito populares e presentes em grande parte do século XVII. A terceira peça está situada cronologicamente na segunda metade dos seiscentos devido aos motivos de aranhões, na aba, e de embarcação no fundo do prato, de forte inspiração chinesa. O uso do óxido de manganês (cor vinoso) para desenhar detalhes do prato reforça a posição cronológica.



FIGURA 12 - Covilhete com decoração em “motivos miúdos” com paisagem e elementos florais imitando a porcelana chinesa.

Os pratos, malgas, canudos e jarros pequenos, com motivos de brasões, de famílias nobres ou de ordens religiosas, fazem alusão direta a quem os usava. Da mesma forma evocativa são os nomes de instituições (como conventos ou hospitais) e de pessoas que aparecem escritos nos fundos dos pratos, sempre em tinta de cor vinosa. Neste sentido é interessante perceber como, no período, vai se acentuando a personalização dos objetos utilizados no serviço de mesa. Ademais, torna-se freqüente a separação e individualização dos objetos para cada comensal, em torno da mesa., como pode ser visto nas pinturas sobre refeitórios de conventos⁵.



FIGURA 13 - Pratos de faiança executados por encomenda. O primeiro com identificação do proprietário e o segundo com o brasão familiar comumente atribuído aos Silva ou Silveira. Contudo, convém ressaltar que outras famílias usavam o leão rompante na mesma posição, mudando as cores heráldicas, entre elas a dos Simões, Borges, Bittencourt, Gramaxo, Coelho, Castelo Branco, Cerqueira, Serrão e Valente (SOUZA, M. 2003)

Em termos de motivos decorativos, chamam a atenção os fragmentos de um único exemplar de prato, em cujo centro aparece um sol circular, com face sorridente. Nele misturam-se os traços dos raios em vinoso, com faixas amarelas. Esta combinação de cores é bastante rara no universo dos sítios de Salvador e inclusive nos de Portugal. Ao que tudo indica pertence a finais do século XVII.

Um número reduzido de fragmentos apresenta alguns elementos decorativos que não parecem corresponder aos das faianças portuguesas. Trata-se de fragmentos de escudelas de fundo azul cinzento com decoração foliácea ou paisagística, em azul mais forte. Parece tratar se de peças produzidas na costa de Ligúria, classificadas como “*azurro berretino*”⁶. Se considerarmos que a República de Gênova, tinha contatos diplomáticos e comerciais com Portugal, não resulta estranho o achado de peças que poderiam ter sido transferidas para Bahia pelos portugueses, vinculando comercialmente a colônia com os centros ceramistas do Mediterrâneo. A esse respeito, o historiador Manuel Leão apresenta dados concretos sobre documentos do Porto que provam a chegada a essa cidade desde Gênova, em 1688 e 1700, de “2 caixões” e “580 dúzias”, respectivamente, lotes embarcados com destino ao Brasil (LEÃO, 1999: 174).



FIGURA 14 - Fragmentos cerâmicos de peças produzidas em centros oleiros da Liguria, especialmente de Gênova e Savona muito ativos no século XVII, que produzia objetos de tonalidades azuladas (fundo azul com motivos em azul mais escuro)



FIGURA 15 - Frente e verso de um fragmentos de tigela com motivos foliáceos (interno) e linhas Simples em arcos cruzados (externo), típicos da produção da costa lígure, do século XVII.

Um outro grupo mais reduzido ainda corresponde a fragmentos que aludem à decoração típica de Talavera de La Reina, centro ceramista de grande atividade no século XVII e que exerceu profunda influência na cerâmica portuguesa desse século, especialmente na incorporação da policromia. Com relação a estes fragmentos caberia uma explicação mais direta, em vista da estreita vinculação político-econômica dos dois reinos nas primeiras três décadas desse século. Neste caso é de estranhar o pouco número de peças de origem espanhola, visto que elas podiam ser comercializadas sem grandes travas em territórios portugueses.

Quanto às formas mais recorrentes, passíveis de serem reconhecidas, os pratos fundos e rasos e as travessas circulares são os que têm maior representatividade, haja vista que eram utensílios do serviço de mesa para uso individual. Neles eram servidos alimentos sólidos ou pastosos. Seguem em número as escudelas, malgas e tigelas todas com a função de servir alimentos líquidos, semi-líquidos ou cremosos. Ainda como serviços de mesa, encontram-se fragmentos de jarrahos, cujos bicos têm desenhados rostos masculinos, que serviam para conter água ou vinho antes de serem vertidos nos copos.

Outra categoria de objetos, os bojões e os canudos (também chamados albarellos) associados sempre à preparação e armazenamento de drogas para medicamentos, nas boticas de conventos

e hospitais, têm baixa representatividade, no conjunto estudado, malgrado o adro estar ao lado da Santa Casa da Misericórdia, ali localizada desde finais do XVI. Alguns outros fragmentos parecem estar associados a objetos ritualísticos, como pequenas pias de água benta, ou de mini altares, usados nas residências.

Algumas informações sobre a utilização de fragmentos de faiança encontrados na praça ou adro da Sé merecem destaques, posto que provam o uso deles para a confecção de utensílios diversos. De fato, parece ter havido um hábito, referido às pessoas de baixo poder aquisitivo, de se providenciarem de restos cerâmicos para a confecção de certos objetos, como botões de roupa e fichas de jogos (damas, por exemplo). Em um único caso, por enquanto, foi identificada a utilização de um fragmento de faiança para a elaboração de uma cruz, provavelmente, para um pingente. Esta reciclagem de fragmentos cerâmicos demonstra que esta área pública era visitada por pessoas sem recursos, que tiravam proveito do que ali era descartado (ETCHEVARNE, 2003).

As Coleções do Solar do Berquó e do Galeão Sacramento

Além dos vestígios da área da antiga igreja da Sé e do Colégio dos Jesuítas, existem em Salvador, outras coleções provenientes de uma moradia solarenga de finais do século XVII e do espólio do galeão português, afundado em 1668. No primeiro caso, os restos foram encontrados durante o processo de restauro do edifício, iniciado em 1983, para servir de sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Naquela ocasião a restauradora Gilka Santana encarregada da restauração do conjunto de painéis de azulejos seiscentistas, ocupou-se também de recuperar e tratar fragmentos de objetos cerâmicos.

A coleção de fragmentos de pratos e tigelas do século XVII é muito reduzida, compreendendo apenas um total de 16 fragmentos de faiança. Os motivos decorativos e a aplicação de pigmentos de óxido de manganês (cor vinoso) apontam para recipientes do final do século XVII, havendo apenas 3 deles da primeira metade do século XVIII, com utilização da cor verde.

Como não se trata de material coletado em escavações arqueológicas os fragmentos aparecem descontextualizados e sem referência nenhuma acerca do local exato do solar onde foram

encontrados. O número pequeno de fragmentos deve ser entendido **mais como resultado** das circunstâncias da coleta do que pela escassez no contexto social original, dentro do solar.

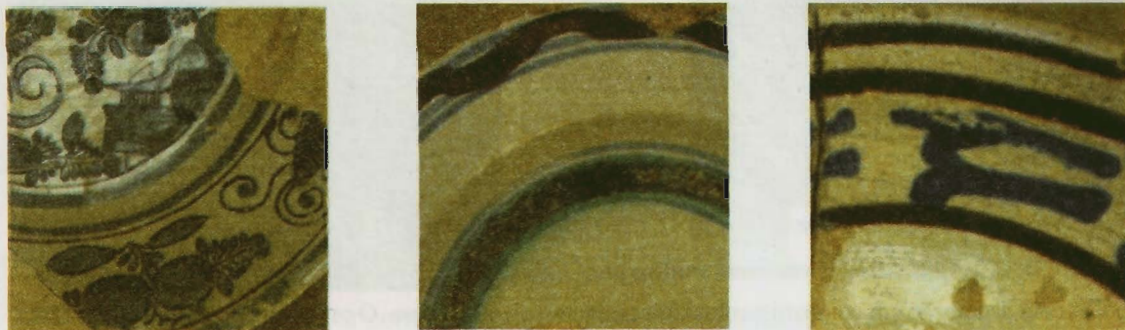
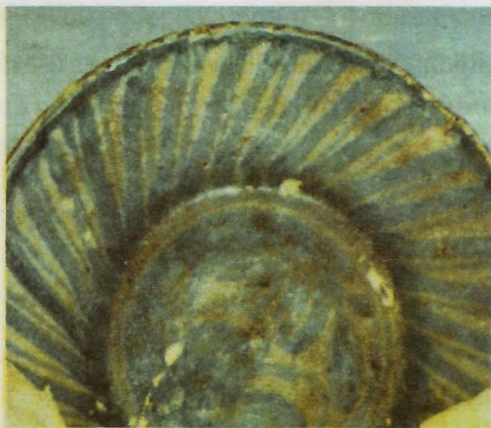


FIGURA 16 - Fragmentos de faiança decorada, encontrados no solar do Berquó. No primeiro caso, trata-se de um prato com motivos de aranhões e pêssegos, em azul e vinoso, inspirados na porcelana chinesa, da segunda metade do século XVII. O segundo corresponde a um prato com cores azul, vinoso e verde (no centro do qual há uma tonalidade amarelada produto da alteração do verde), de início do século XVIII. Já o terceiro corresponde a uma tigela pequena com decoração em vinoso e azul, do século XVIII, possivelmente coimbrã. (7ª. SR do IPHAN - Salvador)

O galeão Sacramento representa um caso excepcional do ponto de vista do marco cronológico, posto que, conhecendo-se a data exata do naufrágio, podem-se associar a ela, todos os objetos cerâmicos que formavam parte dos equipamentos da embarcação, dos passageiros e das empresas comerciais que usavam o galeão como transporte.

Os objetos resgatados em pesquisa de arqueologia subaquática, efetuada em 1976, dirigida pelo arqueólogo Ulisses Pernambucano de Mello, encontram-se, em parte, no Museu Náutico, em Salvador. Dentre o conjunto variado de objetos cerâmicos resgatados sobressaem as faianças, destinadas ao serviço de mesa, a exemplo de pratos, travessas, tigelas, jarras, e espcieiros, além de canudos e bojões de farmacopéia. As peças de faiança apresentam tipos decorativos diversos: semicírculos concêntricos, aranhões, faixas barrocas (com folhas de acanto) e os rendados, estes com o maior percentual de representatividade. Todos estes motivos enquadram-se na classificação cronológica do início da segunda metade do século XVII, demonstrando a utilização de diversos tipos, e talvez de diversas regiões de produção em um único momento.



malga com decoração em compartimentos típicos da porcelana chinesa. O prato foi decorado com motivos foliáceos na aba e no fundo da caldeira um tema tipicamente chinês, composto de um coelho, plantas e flores (Museu Náutico de Salvador).



serviço de mesa (Museu Náutico de Salvador).

Agradecimentos

O autor agradece, sobremaneira, a inestimável colaboração de Fabiane Comerlato, Carlos Costa e Ione Martins que fotografaram parte dos objetos e a Júlio Mello de Oliveira na preparação das fotografias e na elaboração gráfica do artigo. Agradece igualmente ao Museu Náutico e à 7ª. SR do IPHAN, por ter permitido fotografar as peças de faiança dos respectivos acervos e publicar algumas delas neste artigo.

Notas

- ¹ O ataque aos comboios portugueses não termina com a nova situação política instaurada no reino, posto que os lucros com esta atividade para Holanda eram grandes. Esta é uma das razões para ensejar em Portugal a criação da Companhia Geral do Brasil, fundada em 1649, e que devia preparar grandes comboios com embarcações mercantis e escoltadas por galeões para a defesa (COSTA, L., 2002).
- ² Faiança é um aportuguesamento do nome de uma cidade italiana, Faenza, que foi um dos grandes centros de produção deste tipo de material, desde o final do período medieval.
- ³ Esta pesquisa foi executada pela equipe composta pelos arqueólogos Ana Nascimento, Suely Luna e Luiz Severino da Silva Junior. Os pesquisadores encontraram dentro de algumas botijas, ainda lacradas, caroços de azeitonas.
- ⁴ O material cerâmico já restaurado encontra-se exposto no setor “Ocupação Colonial”, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.
- ⁵ Assim se observa na obra de Francisco de Zurbarán “A visita de São Hugo de Grenoble ao refeitório dos cartuxos”, de c. 1633 (Museu de Belas artes de Sevilha).
- ⁶ Conforme parecer da especialista Laura Zaccagnini, do Istituto Per l’Arte e il Restauro, de Florença, que analisou os fragmentos no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, em 2002.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Fernando Bouza: Cartas para duas infantas meninas. Portugal na correspondência de Felipe I para suas filhas (1581-1583). Publicações Dom Quixote/Comissão Nacional Comemoração Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1998. pp.172/176.
- BAART, Ian: Faiança Portuguesa, 1600-1660. Um estudo sobre achados e colecções de museus. Portugueses em Amsterdão. 1600-1680. Amsterdams Historisch Museum. Amsterdão. 1988. pp. 18/31,

: Terra Sigillata from Estremoz, Portugal. Everyday and Exotic Pottery from Europe.

Oxbow Books. 1992. pp.273/278

BARTELS, Michiel: A cerâmica portuguesa nos Países Baixos (1525/1650). Patrimônio – Estudos Nº. 5. IPPAR. Lisboa, 2003. pp. 70/82

CALADO, Rafael, Salinas: Breve histórico da faiança em Portugal. Itinerário da faiança do Porto e Gaia. Museu Nacional de Soares dos Reis. Porto. 2001 pp;15/25

Faiança portuguesa da Casa Museu Guerra Junqueiro.

Câmara Municipal do Porto. 2003

Aspectos da faiança portuguesa e alguns antecedentes históricos. Faiança Portuguesa. 1600/1660. Lisboa. s/d

CARMONA, R. e Cátia Santos: Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos Séculos XV-XVI. Câmara Municipal de Barreiro. 2005

CASTRO, Fernando, Dorido, Paulo e Teixeira Ricardo: 200 anos de cerâmica na Casa do Infante, Porto. 3as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval. Câmara Municipal de Tondela. 1997. pp.223/230

COSTA, Carlos: A influência dos jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Digitado. 2005

COSTA, Leonor Freire: O transporte no Atlântico e a Companhia Geral do Comércio do Brasil (1580/1663). Comissão Nacional para as. Comemorações dos. Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 2002.

DÓRDIO, Paulo; Teixeira, Ricardo; Sá, Anabela: Faianças do Porto de Gaia. O recente contributo da Arqueologia. Itinerário da Faiança do Porto de Gaia. Museu Nacional de Soares dos Reis. Porto. s/d.

ETCHEVARNE, Carlos: A reciclagem da faiança em Salvador: contextos arqueológicos e tipos de reutilização. Clío Arqueológica No. 16. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003. pp. 103/118

Escavações arqueológicas em âmbito urbano. O caso da antiga igreja da Sé de Salvador. Clío Arqueológica No. 17. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2004. pp. 29/37

ETCHEVARNE C. e COSTA C.: Relatório de atividades do Plano de Intervenção arqueológico na área do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas de Salvador. Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA. Salvador. Digitado. 2001.

FERREIRA, Manuela: Vidro e Cerâmica da Idade moderna no Convento de Cristo. Mare Liberum. No. 8. Comissão Nacional Comemorações dos. Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1994. pp.117/201

FERREIRA, Manuela: O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. 1as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval. Câmara Municipal de Tondela. 1998, pp

- FOLGADO, Deolinda e Ramalho Maria, M.B.M.: A Cerâmica comum fina de finais do século XVI/XVII. Inovação ou Tradição. Casa do Brasil. C. M. Santarém. 2000, pp.39/61
- LEÃO, Manuel: A cerâmica em Vila Nova de Gaia. Fundação Manuel Leão. Porto, 1999
- MAURO, Frederic: Portugal, o Brasil e o Atlântico. Ed. Estampa. Lisboa, 1988.
- MATOS, Maria Antonia Pinto de: A porcelana chinesa: referencia essencial na faiança portuguesa de seiscentos. Influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII. Museu Nacional do Azulejo. Lisboa. 1994. pp.12/17.
- MELLO, Ulisses Pernambucano de: O Galeão Sacramento (1668). Rev. Navigator No. 13. Museu Naval. Lisboa. 1976. pp. 8/40
O naufrágio do galeão português Sacramento – 1668. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia no. 87. Salvador, 1978. pp. 17/44
- MONTEIRO, João Pedro: A Influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII. Influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII. Museu Nacional do Azulejo. Lisboa. 1994. pp.18/19
- MOURÃO, Teresa P. S. M.: Entre murmúrios e orações. Aspectos da vida cotidiana do Convento de Santa Clara a Velha, captados através do espólio funerário (séculos XVI e XVII). Tese de Mestrado, Fac. de Letras. Universidade de Coimbra. Dig. 2004.
- QUEIROS, José de: Cerâmica portuguesa e outros estudos. Lisboa, 1987
- REAL, Manuel L. Dórdio, Paulo, Teixeira Ricardo e Melo Rosário: Conjuntos cerâmicos da interpretação arqueológica da Casa do Infante, Porto. Elementos para uma sequência longa. 1as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pos Medieval. C.M. Tondela. 1995. pp.171/186
- SANDÃO, Arthur de: Faiança Portuguesa séculos XVIII e XIX. Livraria Civilização. Porto, 1983
- SANTOS, Reynaldo: Faiança portuguesa dos Séculos XVI e XVII, Lisboa 1960
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo: O tempo dos Felipes em Portugal e no Brasil (1580/1668). Colibri Historia. Lisboa. 2004.
- SOUZA, Manuel de: As origens dos apelidos das famílias portuguesas. Sportpress. Lisboa. 2003.
- TORRES, Cláudio: A cintura industrial da Lisboa de quatrocentos. Uma abordagem arqueológica. Actas das Jornadas de História Medieval. História e Crítica. Lisboa. Lisboa
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de: Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal. Revista Ocidente. Lisboa. 1988.